

“VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI”: AS CONSEQUÊNCIAS DO ESVAZIAMENTO DOS POSTOS DE TRABALHO FORMAL NA INGLATERRA

VOCÊ Não Estava Aqui. Direção: Ken Loach. Produção: Rebecca O’Brien. Reino Unido: **Sixteen Films & BBC Films**, 2019. 1 DVD (102 min).

Lucas Barroso¹

Decorrente da reorientação neoliberal do capitalismo, a partir da década de 1980, a Inglaterra subverteu a lógica do intervencionismo e deu início à onda liberal-conservadora que dura até os dias de hoje. Tendo como grande liderança a primeira-ministra Margareth Thatcher (1925-2013), medidas antitrabalhistas foram implementadas, como, por exemplo, a imposição de uma legislação antissindical e o lançamento de programas de amplas privatizações (CREMONESE, 2002). Na prática, para a classe trabalhadora menos favorecida, o resultado dessa política foi o incentivo de sua própria informalidade e o consequente desemprego em massa. Esse período representou o início de um longo processo de esvaziamento dos postos de trabalho formal na Inglaterra, que ainda fora agravado pela crise mundial de 2008.

¹ Bacharelando em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e licenciando em História pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). E-mail: lucas.barroso@ufrj.br. Endereço para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8481113958603388>.

É exatamente nesse contexto de depressão capitalista do século XXI, acentuada pelo pós-Thatcherismo, que o renomado cineasta britânico Ken Loach, detentor de duas Palmas de Ouro (com *Ventos da Liberdade* de 2006 e *Eu, Daniel Blake* de 2016), honraria máxima do Festival de Cannes (França), escolheu para ser o contexto referencial de sua mais recente produção cinematográfica *Você Não Estava Aqui* (2019). Roteirizado por Paul Laverty, o filme estreou no Brasil no dia 27 de fevereiro de 2020, sendo distribuído pela Vitrine Filmes. Além da competição oficial de Cannes, o filme participou de outros seis festivais, entre eles o de San Sebastián, na Espanha, no qual conquistou a categoria de melhor filme europeu, sob a forma de Prêmio do PÚblico.

Fazendo parte de uma recente trilogia sobre as consequências da precarização do trabalho no âmbito inglês, o filme narra o cotidiano da família Turner, uma família nuclear de classe média pauperizada pelos solavancos do neoliberalismo. Nesse sentido, a produção cinematográfica reforça o comprometimento do diretor em pensar o cinema como um organismo vivo que precisa ser socialmente engajado e que deve necessariamente abordar as temáticas do oprimido.

Partindo da capacidade do cinema em engendrar um alto grau de realismo fictício e possuir uma linguagem abertamente artística, Loach e Laverty, por intermédio dos códigos internos intrínsecos à filmografia, utilizam a sua produção como um registro direto de eventos e de personagens históricos que, mesmo ficcionais, conseguem criar um “efeito de realidade” nos telespectadores (NAPOLITANO, 2006: 236). Dessa

forma, por intermédios dessa natureza representacional da fonte audiovisual, analisar o conteúdo de *Você Não Estava Aqui* (2019) torna-se de fundamental importância para compreendermos a profundidade das representações atuais do trabalho precarizado na Inglaterra, o que transforma o filme em uma fonte primária essencial para o trabalho de investigação tanto na sociologia quanto na história do tempo presente.

Desmistificando a ideia de empreendedorismo como sinônimo de sucesso profissional, a obra social de Loach (2019) inicia com um dilema: o protagonista, o pai, Ricky Turner, está em situação de desemprego formal e, para iniciar em um novo negócio, como entregador de mercadorias, precisa adquirir o meio de distribuição para tal, ou seja, possuir um caminhão de entrega. Sobre essa situação, duas opções são oferecidas pela empresa franqueadora: Ricky poderia comprar sua própria van ou alugar da empresa, desembolsando £65² por dia. Vivendo de aluguel, estando endividado e sem recursos para alugar ou comprar o seu transporte, a solução encontrada pelo pai foi vender o único meio de locomoção da família, o carro que sua esposa utilizava para trabalhar como cuidadora de idosos espalhados por diversos bairros da cidade. Com esse recurso, Ricky finalmente adquire o seu meio de trabalho. Sobre esse primeiro clímax da ficção, nota-se que ele rompe com um princípio marxista já consolidado: o pai adquire o seu meio de distribuição, mas, como demonstrado posteriormente, não recebe nenhuma parte dos lucros provenientes dele.

² Isto é, uma estimativa de R\$465 na cotação de 03 de junho de 2021, segundo a Bolsa de Valores do Brasil.

Com isso, como ilustrado implicitamente no filme, uma nova classe social surge, estando em um meio termo entre as já tradicionais burguesia e proletariado. Ao longo da produção cinematográfica, de forma subjetiva, o diretor explicita que tal mudança social contemporânea não é por acaso, visto que é mais uma estratégia burguesa para minar a consciência de classe e a consequente luta decorrente dela, posto que é resultado da propaganda dominante e da perda da identidade do trabalhador oprimido.

Os conflitos oriundos da desigualdade socioeconômica são a tônica central dessa longa-metragem. Eles são acentuados pelo fato de que o contexto do filme é o caos social gerado pela crise global de 2008. Esse período alterou as relações trabalhistas vigentes, servindo de propulsão para o incentivo burguês à precarização do trabalho, como está demonstrado ao longo de *Você Não Estava Aqui* (2019). No filme, por conta desse processo, a mínima estabilidade laboral que o principal provedor da família Turner possuía como empregado em uma loja local de construção evaporou. Por consequência disso, Ricky, o pai, foi submetido ao desemprego, sendo coercitivamente obrigado a subordinar-se à informalidade e, consequentemente, à instabilidade trabalhista.

Sem a mínima garantia de seguridade em suas novas profissões, Ricky se candidata a vagas de emprego e, posteriormente, é admitido por uma franquia de entregas, chamada *Parcels Delivery Fast* (“Pacotes Entregues Rapidamente”, em tradução livre). Como dito anteriormente, a condição para tal admissão foi a aquisição de seu próprio meio de distribuição. Nesse momento, após essa compra, a nova função social desse

trabalhador é entregar mercadorias para os residentes de Newcastle, sua cidade de residência, e arredores. Em seu novo emprego, não há salário, há honorários; não há direitos trabalhistas, há parcerias; não há dignidade, há a necessidade urgente da entrega.

Precisando cumprir as suas exigências em até uma hora, isto é, em um período relativamente curto para os padrões ingleses, o protagonista, em determinadas ocasiões, encontra-se em alguns dilemas: entregar as mercadorias ou se alimentar corretamente; despachar os produtos ou saciar suas necessidades fisiológicas. Esses impasses se dão pelo fato de que seus honorários apenas serão pagos se as entregas forem realizadas no prazo. Dessa forma, como consequência da supervalorização fetichizada da mercadoria em detrimento do trabalhador, a ênfase dada à entrega de simples pacotes internaliza-se no subconsciente de Ricky, que, para isso, trabalha mais de quatorze horas por dia sem folgas. Por conseguinte, esse processo, que se configura como uma violência simbólica verticalizada, transforma o protagonista em seu próprio fiscal e algoz, convertendo-o no único prisioneiro de sua “solitária do desempenho”³, lugar em que seus

³ Reduzindo a lógica da “sociedade do desempenho”, analisada pelo filósofo sul-coreano Byung Chul-Han (2015), para um âmbito mais individualizado, a “solitária do desempenho” estaria ligada à nova divisão internacional do trabalho, que incentiva ainda mais os processos de individuação dos novos trabalhadores manuais terceirizados. Essa reformulação autoral da teoria de Han busca compreender as consequências dos empreendimentos burgueses de precarização laboral, possibilitada por meio da propagação do mito do empreendedorismo. Nesse caso, relacionando à temática do filme *Você Não Estava Aqui* (2019), em virtude da internalização da supervalorização do produto e da individualidade preconizada pelo discurso informalizador, Ricky, o pai, é prisioneiro de sua solitária, bem como também é carcereiro de sua própria prisão. Ou seja, a

desejos e suas necessidades são renegados em prol do trabalho burguês. Assim, dessa forma, a ficção de Loach (2019) também possui uma preocupação de apresentar as vicissitudes da nova divisão internacional do trabalho, que preza pela informalidade, precariedade e escassez.

Associado a essa naturalização do trabalho como uma necessidade fisiológica, outro efeito que a exploração da mão de obra trouxe foi a fragilização das saúdes mentais tanto dos trabalhadores explorados quanto dos componentes da família Turner. Os atos exploratórios, que, em um primeiro plano, afetavam diretamente o pai, com o passar do tempo, transpassaram para a sua esposa e seus dois filhos. As ausências física e psicológica da figura paterna desconfiguraram a harmonia do lar, gerando um aumento vertiginoso do número de discussões verbais e até de agressões físicas no seio da família. Talvez esse seja o melhor exemplo ficcional de uma “microfísica da exploração”⁴, uma releitura autoral da renomada teoria de Michel Foucault (2006). Ademais, outro efeito percebido foi a inversão dos papéis familiares. Na ausência dos pais, o lugar simbólico de liderança do lar passou a ser ocupado por Liza Jane, a filha de onze anos do casal, que adquire responsabilidades excessivas.

exploração da sua mão de obra é garantida tanto pela superestrutura exploratória quanto pela normalização inconsciente de tal realidade.

⁴ Invertendo a concepção foucaultiana de que poder precede dominação física e/ou psicológica, a ascensão burguesa demonstrou que a subjugação exploratória do trabalho também é um dos pilares do poder. Sobre essa inversão, a “microfísica da exploração” seria o conceito autoral que conseguiria explicar as consequências das horizontalizações da superexploração da mão de obra nas teias sociais. Isto é, serviria para entender como essa questão é transpassada geracionalmente de forma despretensiosa e inconsciente.

Assim, como em uma proporção aritmética inversa, à medida em que os lucros burgueses se solidificavam, a sanidade mental dos componentes da família fragilizava-se.

Além disso, em decorrência da retirada de direitos trabalhistas e do desemprego em escalada, registros de violência urbana, tanto física quanto simbólica, se intensificaram na ficção de Loach e também na realidade mundial. Ao longo de *Você Não Estava Aqui* (2019), essa problemática social foi exemplificada pelas cenas de agressão sofridas pelo protagonista. Esse conflito ocorre quando Ricky, em um momento informal de saciação de suas necessidades fisiológicas, é surpreendido por homens que roubam as mercadorias, ogridem, e por fim, ainda quebram seu *scanner*, o aparelho que armazena o sistema integrado de entregas. Tal episódio ocorre - mais uma vez - em virtude da exploração burguesa que afeta tanto o bem-estar do trabalhador empregado quanto as perspectivas do desempregado, que se encontra coercitivamente em um “exército industrial de reserva”, uma posição estratégica para o burguês. Entretanto, a maior agressão sofrida por esse trabalhador ocorreu poucos minutos depois. Machucado, aguardando o resultado dos seus exames médicos, Ricky presenciou a frieza e a crueldade do sistema capitalista, quando o seu superior apenas se preocupou com meras mercadorias ao invés de seu bem-estar e ainda exigiu que parte dos prejuízos, que totalizavam mais de £1000⁵, fossem pagos por ele.

⁵ Isto é, uma estimativa de mais R\$7162 na cotação de 03 de junho de 2021, segundo a Bolsa de Valores do Brasil.

Em meio a essa efervescência caótica metonimizada pelo lar da família Turner, a filha do casal resolveu cessar essa situação: em um ato de desespero, esconde as chaves da van de seu pai, para que, ao estar impossibilitado de ir trabalhar, a harmonia pudesse enfim retornar ao lar. Percebe-se que tal atitude se configura como um ato ludista, posto que, mesmo de forma inconsciente, a culpa da exploração recai sobre a tecnologia e o ato de trabalhar e não sobre o burguês e a situação exploratória criada por ele. No entanto, o empreendimento da menina não surtiu efeitos: mesmo machucado, o pai é obrigado, de forma velada e coercitiva, a voltar ao seu cárcere, ou seja, voltar a trabalhar como entregador franqueado. Sobre essa questão abordada por Loach, cabe um adendo: o trabalho não deve ser visto, por si só, como exploratório, posto que tal natureza é exclusivamente de origem burguesa. O trabalho deve ser visto como uma via de libertação do trabalhador oprimido. Porém, infelizmente, isso não é mostrado ao longo do filme, uma vez que os grandes burgueses, os verdadeiros carcereiros, subverteram a noção de trabalho, transformando-o em um lugar de penitência e não de emancipação.

Perspectivas futuras à parte, de modo geral, o filme demonstra a frieza de um sistema que é regido por épocas de crises cíclicas. Tendo como norte as consequências da crise de 2008, agravada pelo empreendimento thatcheriano de desmonte do Bem-Estar Social, Ken Loach, o diretor de *Você Não Estava Aqui* (2019), em diálogo com o cinema documental, reforça seu posicionamento crítico à neutralidade frente aos problemas

sociais. Dessa forma, a partir de Ricky e sua família, Loach tece suas críticas ao capitalismo moderno e reforça a necessidade urgente de se buscar alternativas ao cárcere do neoliberalismo. Para tal, isso só será possível por meio de um direcionamento humanista, representado pela garantia total do pleno emprego formal e do retorno urgente dos direitos trabalhistas, garantindo que, assim, haja um esvaziamento do desemprego e da informalidade tanto na ficção quanto na realidade.

Nessa direção, o filme, em uma linguagem objetiva e realista, consegue trazer importantes reflexões sociais da atualidade para o universo artístico. Contando com o crescente impacto das fontes audiovisuais na pesquisa histórica, é imprescindível que o empreendimento representacional do diretor do filme não tenha sido feito em vão e que as críticas presentes em sua obra encontrem raízes para poderem frutificar na historiografia atual. Para tal, entender o cinema como uma fonte confiável de estudo de um determinado contexto é o primeiro passo para entendê-lo como um produto social e histórico do tempo presente.

Referências

CREMONESE, Dejalma. *Neoliberalismo: o capitalismo globalizado: um modo de vida não-sustentável*. Ijuí: Editora da Unijuí, 2002. Disponível em: <<http://ipd.unijui.tche.br/ipdcidadania/artigo5.html>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. Tradução de: Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de: Enio Paulo Giachini. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 235-289.

VOCÊ Não Estava Aqui. Direção: Ken Loach. Produção: Rebecca O'Brien. Reino Unido: *Sixteen Films & BBC Films*, 2019. 1 DVD (102 min).

Recebido em: 02/02/2021

Aceito em: 23/04/2021